

## ARTIGO

# TECENDO A HISTÓRIA: INDÍCIOS DO SURGIMENTO DA LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO EM RORAIMA

### Resumo

Este artigo buscou refletir sobre o surgimento da organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais para a BR-210, conhecida como Perimetral Norte, no período de 1975 a 1990. Neste processo a migração foi analisada enquanto uma importante estratégia de resistência frente a um longo processo de expropriação da terra em seus estados de origem esta interpretação foi proporcionada pela utilização da História Social que viabiliza o estudo das múltiplas formas de organização, resistências e luta, valorizando a identidade e a experiência como parte da reflexão investigativa da construção social. A utilização da história de vida foi importante para identificar as estratégias de sobrevivência, estas foram analisadas enquanto resultado de conflitos, contradições e construídas no tempo, no espaço e no cotidiano. Após o acesso à terra, as vicinais e lote tornaram-se o espaço de convivência e surgimento da (re) organização de suas vidas e posteriormente de sua organização política.

### Palavras-chave

Migração; Sindicalismo Rural; Resistência.

### Abstract

*This article sought to reflect on the emergence of the organization of rural workers to the BR-210, known as the Northern Perimeter, in the period from 1975 to 1990. In this case the migration was viewed as an important strategy of resistance to the long process of expropriation of land in their home states this interpretation was provided by the use of Social History that enables the study of multiple forms of organization, resistance and struggle, valuing identity and experience as part of the investigative reflection of social construction. The use of the life history was important to identify coping strategies, these were analyzed as a result of conflicts, contradictions and built in time, in space and everyday. After access to land, and the vicinal lot became the living space and the emergence of (re) organization of their lives and then his political organization.*

### Keywords

*Migration; Rural Unionism; Resistance.*

\* Professora da Universidade Estadual de Roraima – UERR, mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

## *Indícios do surgimento da luta dos movimentos sociais do campo em Roraima.*

*A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história transformando “os objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.*

Paul Thompson

No Brasil vivencia-se uma das maiores concentrações agrárias do mundo, o que explica em parte os constantes conflitos, assassinatos e manifestações públicas, provocados pela questão agrária evidenciando a necessidade de um debate nacional sobre a distribuição e redistribuição da terra e as condições sociais no campo.

A questão agrária em todo o País, especialmente na Região Amazônica, vem sendo alvo de constantes discussões e debates sobre qual o melhor modelo de exploração a ser seguido, onde a proposta vencedora até o momento tem sido a do agronegócio. Dentro desse contexto tem havido resistências por parte das populações tradicionais: seringueiros, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, dentre outros, emergidos principalmente a partir do início da década de 1980. Estes movimentos tiveram como consequência o aumento dos índices de conflitos e assassinatos de lideranças rurais.

Estes conflitos foram e são mais intensos nos Estados de Rondônia, Pará e Acre, neste último a resistência e organização dos seringueiros são históricas na luta contra a expropriação dos seringueiros e a destruição da floresta pelos empresários do agronegócio, madeireiros e especuladores. No estado do Pará estes conflitos rurais ficaram mais evidentes a partir da divulgação na mídia de vários assassinatos de trabalhadores e militantes dos movimentos sociais do campo, exemplo disso foi a chacina de Eldorado dos Carajás em 1996 e mais recentemente o assassinato da freira Doroty Stang, ocorrido em 2004.

No Estado de Roraima a organização social e política dos trabalhadores e trabalhadoras rurais foram silenciadas, descaracterizadas e estigmatizada principalmente sob dois aspectos: ora como “migrantes pobres”, “maranhenses despossuídos”, “gaúchos pobres”, “vítimas das políticas militares para a Amazônia”, “camponeses trazidos pelo INCRA”, ora até mesmo como, “preguiçosos”, “transgressores das leis que vendiam seus lotes”, “criminosos por serem considerados os devastadores da floresta”.

Neste sentido este artigo buscou contribuir com a História do surgimento da organização e luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais em Roraima. Partiu-se da migração, a conquista da terra, a luta em permanecer na terra, momentos importantes para a organização destes no sindicato.

Neste processo selecionou-se algumas estratégias desenvolvida por estes dentre estas a migração que foi analisada como uma forma de resistência e luta, não somente contra o processo de expropriação dos camponeses e a imposição do capitalismo no campo, mas foi uma luta pela sua identidade, seus costumes e tradições frente uma conjuntura estrutural histórica de expropriação da terra.

As palavras a seguir de Argemiro de Souza refletem que existiam alternativas, e a migração para a Amazônia representava apenas uma delas:

Eu fui cedo morar em São Paulo, trabalhei na usina do Francisco Matarazzo na Fazenda Santa Rosa, na época era uma das maiores do país. Lembro-me que dormia numa pensãozinha, não tinha casa, e de madrugada o caminhão pegava a gente pra ir trabalhar, mas era difícil. Depois trabalhei na empresa Camargo Correa em construção e várias outras firmas. Mas trabalhar na terra é questão de gosto, não sei, também tem o fato da gente não ter formação profissional, um curso, mas eu gosto.

Aqui na terra a gente sabe plantar, viver bem, sobreviver bem, criar nossos filhos com fartura, trabalhando junto com a família, os sogros, genros, trocando dias com eles, o serviço de dois é mais que três não é?

A nossa vivência na floresta nos ensinou isso desde cedo. Como eu, eu já sou filho de rural e já trabalhei muito nas roças, aprendi muito com meu pai. (...) Cheguei aqui na beira do Anauá comprei a terra, trabalhei, trabalhando mesmo duro e enfrentando as dificuldades. Conheci minha esposa aqui, casamos, hoje vivo com minha família, meus netos e temos nossa própria terra, casa e eles (filhos) também têm a deles. Apesar de nos sentirmos abandonados pelo governo, a gente foi melhorando de vida<sup>1</sup>.

As palavras do senhor Argemiro evidenciam que a migração é resultado de uma escolha e que a relação com a terra não é determinada apenas pela necessidade de trabalho ou a falta dele, mas também pela identidade, representa muito mais do que ter trabalho e emprego.

Em outras palavras, estes migrantes poderiam ter aumentado a estatística do êxodo rural, ou terem se transformado em “bóias-frias”<sup>2</sup>, assim como milhares de camponeses. Eles fogem a essa regra, saindo da posição de sujeitos passivos, diante das transformações do campo e passam à posição de sujeito transformadores desta

---

1 Entrevista com o senhor Argemiro de Souza, trabalhador rural e migrante oriundo da Bahia. Vila Moderna, Município de São Luiz do Anauá (RR), janeiro de 2009.

2 SILVA, Maria Aparecia Moraes. *A Luta Pela Terra*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

realidade. A migração simboliza, portanto, além da defesa de seus direitos à terra a luta pela defesa de sua História.<sup>3</sup>

Percebeu-se, por meio das fontes, que as viagens de seus estados de origem para Roraima eram realizadas com poucos recursos, sem planejamentos maiores ou estrutura. A trajetória do deslocamento dos estados de origem era já muito complicada. Na mudança, geralmente, traziam o estritamente necessário. Assim era incluída a pouca roupa, os poucos utensílios domésticos, alguns animais (galinhas, porcos, cachorros, etc.). Tudo vinha em paus-de-arara, e outros vinham em ônibus fretados por grupos de famílias que se uniam para dividir o custo da viagem e depois alugavam embarcações fluviais Manaus a Caracarái.

Aqueles que vinham pela BR-319, seguiam até Rondônia e de lá até a BR-174. Toda a alimentação era feita ao longo da viagem em fogareiros, à beira dos rios e igarapés, áreas que eram usadas para fazer as principais paradas. Esse era o espaço para lavar roupas, tomar banho e fazer as principais refeições do dia durante a viagem. Outros migrantes mais capitalizados chegaram a Roraima com recursos inclusive para comprar sua terra e investir o dinheiro trazido da venda de terra em outros estados.

Na entrevista a seguir, o senhor Eupídio Leite Araújo<sup>4</sup>, fala sobre sua viagem para Roraima, pela BR-319, vindo diretamente de Rondônia para São João da Baliza. Percebe-se neste caso que essa família seguem praticamente o mesmo percurso dos fluxos migratórios. Percebeu-se que em sua maioria saem do Nordeste para o Centro-Oeste, em seguida do Centro Oeste para Rondônia, de lá para o Estado do Pará, e finalmente aportam no Amazonas e Roraima, por via terrestre ou fluvial.

Esta trajetória foi realizada pelo trabalhador rural Eupídio Leite a seguir:

Eu sou da Bahia, fui criado no Mato Grosso, primeiro tive um estágio em Rondônia onde vivi onze anos na cidade de Ouro Preto(...). Em Rondônia estávamos bem estruturados na agricultura, tinha uma área boa de milho, feijão e arroz. Inclusive trabalhava com semente de arroz e milho fiscalizada para plantio em outros estados. Em 1978 até 1981, trabalhei em Mato Grosso e em Rondônia com a semente fiscalizada por causa disso passei a ter conhecimento das regiões da Amazônia, onde vendia muita semente para Roraima, era semente para plantio. Depois meus pais vieram para Roraima e gostaram muito e a gente acabou

---

3 Sobre a migração, analisada enquanto uma estratégia de reprodução camponesa, ver: SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida. *Migrações Rurais no Brasil: Velhas e Novas questões*. Disponível em: [http://nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leituras/migracoes\\_rurais\\_no\\_Brasil\\_velhas\\_e\\_novas\\_questoes.pdf](http://nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leituras/migracoes_rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf). Acesso: 20/outubro/2009.

4 Atualmente diretor do sindicato de São João da Baliza e um dos membros mais antigos do sindicato. Tem 55 anos, é cearense, criado no Mato Grosso e reside no município do Baliza com sua esposa e filhos.

mudando, a minha chegada em Roraima foi em novembro de 1983, onde estou até hoje, na época tinha estrada a gente vinha de Porto Velho a Manaus por estrada era a BR- 319, que hoje não existe mais, mas já estão recuperando e vai voltar a funcionar novamente.<sup>5</sup>

A BR-319, citada pelos depoentes, foi inaugurada em 1973 durante o Regime Militar (1964-1985). Por esta rodovia milhares de famílias trafegaram com destino a Roraima. Poucos anos se passaram e esta tornou-se intransponível.<sup>6</sup>

A partir de 1975, se intensifica a chegada dos paus-de-arara e de ônibus, com cinco a seis famílias trazendo suas mudanças, passaram a acampar na antiga vila do INCRA, e ou seguiam direto em busca de tirar seu lote, ou como eles afirmam “fazer sua picada”. A citação a seguir da trabalhadora rural senhora Verônica relembra este período:

Os homens faziam os picadões com os próprios agricultores, uns ajudando o outro e o governador nos dava farda para a escola, calçados, cestas básicas todo mês, cesta de Natal e a minha família ficou morando quando chegamos numa casa alugada no Baliza, cinco meses depois mudamos para a beira da BR 210, então meu marido, os filhos, genros e a filha trabalhava na roça plantando arroz, milho e mandioca. Eles tinham que ficar lá porque o picadão eram muito ruim dava vinte e cinco quilômetros e só dava de ir a pé. Dava muita malária, muita mesma, hepatite, derrames<sup>7</sup>.

Mesmo sem a intervenção oficial, a colonização não era ilegal uma vez que se tratava de terras devolutas ou do INCRA, e existiam regras de organização e distribuição dos lotes criadas pelos próprios migrantes, ou seja, mesmo diante de uma aparente falta de leis e da presença do Estado existia uma organização.

É possível afirmar que estes migrantes poderiam ter ido para Belém, Manaus, ou outras capitais da região Norte, porém, deslocam-se direto para a área rural fato que ratifica nossa afirmação quanto a analisar a migração enquanto estratégia importante no processo de resistência a expropriação e ao latifúndio no campo sofrido por estes em seus estados de origem.

---

5 Entrevista realizada com o Sr. Eupídio Leite Araújo. São João da Baliza (RR), junho de 2005.

6 Em 2005 o Governo Federal anunciou a recuperação da BR-319. As obras começaram em 2008, com duas frentes de trabalho partindo dos extremos da rodovia. No entanto, acredita-se que essas obras podem levar ao desmatamento e ocupação desordenada do entorno da rodovia, o que provocou um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) pela Universidade Federal do Amazonas.

7 Entrevista realizada com Verônica Lima, migrante oriunda de Minas Gerais. São João da Baliza (RR), junho de 2006.

*As Estratégias de sobrevivência na terra: Construindo as experienciais sociais.*

*Mas no olhar de todos pode se ler a vontade de vencer e ficar; de oferecer para seus filhos um futuro melhor; através de seus esforços e da união para a vitória. (Jornal Folha de Boa Vista -1978).*

A migração constituiu a primeira estratégia de resistência passa a ser o pano de fundo de novos cenários dentre estes a conquista da terra e as dificuldades de permanecer na terra, algo que se tentou sintetizar os indícios ou raízes. O modo de vida dentro das vicinias que se localizavam dentro da floresta fundamentou uma consciência da necessidade de viver da natureza algo que passou a está intrinsecamente ligado a cultura destes migrantes, ou seja, suas vidas se entrelaçaram com a vida da floresta.

A matéria publicada pelo jornal Boa Vista de 22 de Setembro de 1978, evidencia as dificuldades enfrentadas e a necessidade dos trabalhadores viverem da própria floresta:

Agricultores da BR-174 e BR-210, Lutam para Vencer. Como é de conhecimento de todos a agricultura de nosso Território ainda se encontra numa fase crítica, em relação a outras áreas cultivadas do Brasil, afora podemos tomar como referencia a batalha progressiva de agricultores recém instalados em nosso Território vindos por exemplo do Maranhão, Goiás e Rio Grande do Sul . Estes agricultores enfrentam uma fase muito dificultosa, principalmente em relação a inexistência de alimentos portadores de proteínas e gorduras, alguns se encontram no segundo ou terceiro ano de instalação enquanto outros acabaram de se instalar. Portanto nesta região não existe carnes bovina, suína ou galinhas, pato e outros. Eles tem que apelar para a caça selvagem.

A matéria evidencia que foi às duras penas, nos sofrimentos diários, e na ausência até mesmo de alimentos, uma vez que suas roças ainda estavam sendo feitas. Acredita-se que esta integração vida/natureza, está associada diretamente com a própria necessidade de utilizar o conhecimento tradicional. Nas cascas e folhas das árvores, buscaram a cura de suas doenças, por meio da medicina natural<sup>8</sup>, uma vez que havia ausência de médicos, hospitais e medicamentos.

As doenças eram várias, mas a pior era a malária, além disso, outras doenças alcançavam grandes números de colonos como à hepatite, a leishmaniose e a tuberculose. A ausência de estradas e pontes piorava a situação dos doentes, em especial,

---

<sup>8</sup> Este fato é confirmado pelos altos índices de doenças que enfrentaram, uma vez que, deixados à própria sorte, tiveram que buscar, assim como os seringueiros, os conhecimentos da cura na própria natureza, na medicina natural, quando possível.

das parturientes, como relembra Enesia,<sup>9</sup> “Foram inúmeras as mulheres que morreram com seus filhos atravessados na barriga, não tínhamos pontes aqui na Perimetral, mesmo grávida eu e meu marido não tínhamos como chegar a Boa Vista.”<sup>10</sup>

Outra dificuldade enfrentada foi a ausência de venda de gêneros alimentícios, assim como a falta de produção agrícola. Dessa forma a alternativa encontrada foram os próprios frutos das árvores, do uxi, da castanha, do piquiá, da bacaba, do buriti, do tucumã que, ao caírem, trazem para baixo destas árvores as caças como a cutia, a capivara, o porco do mato, a anta e outros. Os rios representam à limpeza, a higiene pessoal, a preparação dos alimentos e da terra, além de fornecerem os peixes, as tartarugas, o camarão, pratos essenciais na alimentação regional<sup>11</sup>.

As bebidas são preparadas à base da mandioca, do milho, do açaí, do buriti, do abacaxi. Assim como os indígenas, os rurais retiram não só produtos utilizados em sua alimentação, mas também como utensílios: jóias, móveis, além da construção de suas casas e transportes como a canoa. Assim, é impossível separar sua identidade, cultura e modo de trabalho, das experiências adquiridas no seu modo de vida<sup>12</sup>.

Quanto ao trabalho na terra os mutirões aparecem repetidas vezes nas falas dos migrantes, o que acaba demonstrando que estes eram frequentes, esta relação de solidariedade foi fundamental para sua sobrevivência no início dos assentamentos. A ausência de equipamentos e tratores nas vicinais<sup>13</sup> dificultava as primeiras derrubadas para o cultivo da terra. Para derrubar a floresta, vários vizinhos se uniam para fazer a derrubada de um lote e em seguida o dono deste lote contribuía na derrubada do lote do seu vizinho. Este sistema também conhecido como “troca” foi uma prática importante e utilizada por vários anos.

Outra importante estratégia foi a Família, esta foi decisiva para a permanência dos migrantes em Roraima. As famílias que chegavam eram constituídas não somente pela esposa, marido e filhos (as), mas, incluía cunhados, netos (as), sogros, sobrinhos, enfim criava-se uma rede dos familiares que estavam aqui com os demais que ficaram em outros estados. Porém, muitos homens solteiros também chegavam

---

9 Entrevista com a Sra. Enésia na Vila Moderna no município de São Luiz do Anauá (RR), fevereiro de 2009.

10 A ponte sobre o Rio Branco, na BR-174, só substituiu o uso das Balsas no ano 2000.

11 Um fato que chamou a nossa atenção foram as casas feitas de varas e barro e cobertas de palha. Por trás desta simplicidade, no entanto, sempre encontramos fartura de alimentos em seu interior.

12 Ver: OLIVEIRA, Lêda Maria Leal de. “Memórias e Experiências: desafios da investigação histórica”. In: FENELON, Déa, MACIEL, Laura, ALMEIDA, Paulo e KOURY, Yara (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 263-281.

13 Devido a esta precária situação dentro dos lotes, a bicicleta era o único instrumento de transporte.

à região e logo se casavam para constituir família. O grupo familiar passava a gerir as principais relações sociais vivenciadas na comunidade, este laço forte pode ter sido influenciado por dois fatores: a separação e a distância dos demais membros da família como pais, avós, irmãos, e o medo da solidão, e a necessidade da força de trabalho familiar na agricultura, além do isolamento do lote, da vicinal, pois estavam distante dos grandes centros urbanos, cujo município mais próximo era Caracarái.

Esta relação com a família fica clara nas palavras do João Pereira:

Casei no Goiás e trouxe a minha família e a família da minha esposa, tivemos sete filhos, lembro que essa mais nova, que é esse aí (aponta para filha), só comia massa de macaxeira lá em Goiás, e aqui nós não tinha onde comprar, não tinha comércio, não tinha nada e eu fui daqui pro Km “500” buscar macaxeira para fazer uma massa. Fui de manhã e cheguei somente no outro dia de tarde. Esse que é dono desse escritório bem aí é filho meu, que hoje é formado, é doutor, é tudo... Quando ele nasceu eu fui comprar, que o maranhense é cheio de chove não molha, não come carne de caça, só frango ou carne de gado quando ganha filho. Assim fui pra Caracarái comprar carne, fui de pé comprar carne pro resguardo dela... Andando na estrada e com medo dos urubus arrodar... eu cheguei no 500 tinha só um quarto de carne... Chegando lá retalhei a carne, botei aquela ossada no varal pra enxugar um pouco, a ossada mais grossa nós comemos na casa do Xicão... e botei nas costas, isso já era umas três horas da madrugada, botei nas costas num jamaxim com a carne dentro. Lá por umas onze horas os pés não agüentavam mais, meio dia, sol quente sai do Km 500, quando foi umas sete , oito horas da noite eu estava aqui, com a carne, mas era uma carne podre, foi uma aventura, o que não se faz pelos filhos e por uma mulher recém parida.

Como se observa no depoimento as relações sociais girava em torno da família, estas se reuniam em visitas nos finais de semana, no lazer, nas festas juninas, nos jogos de futebol, todos os moradores jogavam inclusive as mulheres com os times de queimadas, na dança de boi. As famílias se uniam nos finais de semana na igreja, nas festas, nos almoços, esta relação também deve ser vista como gestação de uma futura organização coletiva.

Dentre estas estratégias um fato despertou grande interesse na pesquisa, o abandono ou a venda do lote dentro dos assentamentos foram constantemente citados nas entrevistas. E este acontecimento já havia sido registrado por Nilsom Crócia de Barros (1995) e Jean HEBETTE (2004). No entanto, este fato era uma incógnita. Buscou-se compreender na fala destes assentados (quando narraram as suas migrações internas dentro das vicinais), o porquê de após tanta luta e dificuldades enfrentadas para chegar à terra própria, estes se desfaziam do lote com uma aparente facilidade.

Não seria irônico lutar pela terra e depois abandoná-la? O discurso no cotidiano social e político apontam a “malandragem”, a “preguiça” e a falta de “vocação” como causas deste acontecimento. O verbo abandonar é muito citado nos



depoimentos, ao relatarem o abandono de sua família, o abandono de seu local de origem, o abandono dos amigos e o abandono de outros estados na própria região amazônica.

Da mesma forma, abandonar seu lote possui significado mais profundo que o simples deixar pra trás, ao perceberem que não iriam melhorar suas condições de plantio, de colheita e principalmente que teriam dificuldades no escoamento da produção, parte desses colonos iniciam uma nova migração interna, no mesmo assentamento ou, até mesmo, dentro da própria vicinal. Outros encontram uma nova forma de obter recursos financeiros, vendiam o lote que já estava com melhores condições para trabalhar, e mudavam-se para lotes mais afastados. Essa estratégia foi muito usada para suprir a ausência de apoio financeiro necessário para realizar alguma benfeitoria, compra de equipamento como motor serra, bombas de água, construção de casa, e a aquisição de animais de criação. Muitas vezes ainda os assentados vendem um lote onde a permanência é mais difícil e buscam novamente ocupar ou “conseguir” outro. Outras vezes, eles conseguem mais de um lote, colocando-o no nome da mulher, do cunhado, enfim, de algum parente mais próximo. Acabam vendendo estes, e com o dinheiro investem em benfeitorias como casa, cerca e curral.

Assim, o abandono do lote não é apenas desistência, mas aqui se encara como uma estratégia de resistência, pois Roraima representa a última esperança e também a última fronteira para muitos que já rodaram o Brasil de Norte a Sul. O que se chamou de abandono do lote, não significou o seu abandono propriamente dito. A fala a seguir do senhor Jaider evidencia o abandono do lote em Rondônia por conflitos com indígenas:

Eu sou Mineiro, morei seis anos em Rondônia, lá consegui uma terra pelo INCRA, só que numa área indígena os índios eram bravos, por pouco não fui flechado. Comecei a trabalhar nessa terra, quando os índios descobriram não deixaram ninguém entrar nas terras. Então abandonei, depois não consegui mais terra. Peguei minha família e vim para Roraima. Vim no pau de arara, caminhão coberto com uma lona em cima, nesse caminhão vem de tudo. Foram seis dias de viagem, tomávamos banho, fazíamos comida, dormíamos na estrada, etc. Éramos quatro famílias, todos rurais... Mas o rural sai pelo espírito aventureiro, conhecer novas pessoas, buscar terra e lá sempre o mesmo trabalho, entra ano sai ano, e nada de crescimento financeiro, com tudo isso sentimos a necessidade de sair pelo mundo a fora, conhecer outros lugares e tentar a vida longe. Eu que morava em Central do Montana (Governador Valadares), em Minas Gerais, quando cheguei aqui, fiz três canteiros de verduras, vendia para sobreviver, com essa venda sustentei minha esposa e cinco filhos, durante oito meses. Então comecei a trabalhar no lote, mas peguei muita malária que ia e voltava, até que abandonei o lote, pois achava que ia morrer de tanta malária, até conseguir outro no local melhor.<sup>14</sup>

Nas últimas linhas, Jaider da Silva acrescenta que enfrentou muitas dificuldades em permanecer lá, então abandonou e migrou novamente, já não lembra quantas vezes o teria feito. Ou seja, este processo de mudança e abandono de lote é resultado de diversos fatores e tornou-se uma estratégia também.

Retomar todas estas estratégias nos fez compreender os indícios de um movimento a princípio de resistência individual e em seguida coletiva, este desenvolveu-se dentro das vicinais, com diversos mecanismos desenvolvidos para se conseguir permanecer na terra. Dentre estes: a família, a solidariedade, a medicina natural, os alimentos retirados da floresta, a amizade entre os vizinhos, as reuniões da comunidade de base, e alguns atos de desvio do que era considerado legalmente correto.

Essas experiências sociais passaram a ser trocadas entre si nos momentos de conversa e discussão da realidade vivenciada por todos, até a construção de lutas coletivas.

Todas estas estratégias foram uma espécie de incubadora, um laboratório que deu início a futuras organizações sociais dos trabalhadores e trabalhadoras rurais como: a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) movimento de mulheres camponesas, associações, assim como dos demais movimentos sociais surgidos no sudeste do estado.

Este fato fica evidenciado pelas entrevistas com as lideranças dos movimentos sociais quanto à possível experiência dos assentados em movimentos sindicais ou populares nos seus estados de origem. Em todas as entrevistas realizadas e nas conversas informais, ficou constatado que estes nunca haviam participado de movimentos sociais, ou que a sua organização política tenha partido de uma liderança específica, mas foi movida pelas necessidades comuns a todos e por diversas lideranças.

Mas, constatou-se que todas as lideranças que se envolveram no sindicato eram da Região Sul, principalmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Como afirma João Secon, um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Luiz do Anauá:

A fundação do nosso STR teve o apoio do padre Nilvo e da CPT-Amazonas, naquela época nós que organizamos o Sindicato junto com os companheiros do Baliza, a Rosângela, o Quintino, o Santos e o Pedro Martins. Eu lembro que eram todos sulistas e de Minas, apesar de ter também muita gente do Nordeste aqui, os que estavam à frente eram lá de baixo, nós criamos associações, fazíamos documentos para o Governo, pressionávamos os Prefeitos, a luta pegava fogo. Até hoje lutamos arduamente por educação e principalmente pelas estradas que é o nosso maior entrave.

A conquista da terra veio acompanhada de frustrações e conflitos, e a reivindicação e luta por políticas voltadas à permanência na terra, e para alcançar isto era necessário um movimento organizado, capaz de representar estes anseios.

No entanto, já se observou que, para os migrantes o movimento de resistência iniciou-se desde a saída de seus estados de origem, a conquista do lote, e a sobrevivência na vicinal dentro da floresta. Mas foi a partir de meados da década de 1980 que os trabalhadores rurais marcaram a decisão de seguir em frente na defesa da permanência na terra, pela luta coletiva.

Este foi o mesmo período em que os dados sobre violência, expropriação e grilagem de terras na Amazônia passaram a ser cotidianamente denunciados por padres e freiras da Comissão Pastoral da Terra e que a luta por reforma agrária retomava os noticiários do Brasil.

Na Perimetral Norte as primeiras reuniões para organizar manifestações coletivas em busca da melhoria, principalmente, da estrada, saúde e educação, ocorreu no Município de São João da Baliza. No entanto, já existiam cooperativas e associações criadas pelos trabalhadores rurais.

O surgimento do Sindicato Rural de São João da Baliza durante a década de 1980 deve ser entendido como um processo histórico iniciado muito anteriormente. O despertar da consciência de classe foi sendo construído ao longo das estratégias de resistência já descritas, frente à falta de políticas públicas, muitos rurais abandonaram seus lotes e migraram para a capital Boa Vista, aqueles que decidiram ficar, partiram para o enfrentamento político, primeiro criando o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São João da Baliza em 1982.

A primeira mobilização foi organizada pela comunidade para levar dezenas de rurais até a capital Boa Vista e pressionar o Governo do ex-Território a designar máquinas para trabalhar na Perimetral Norte que, por três meses ficou sem acesso à BR-174, em virtude do inverno. A situação das famílias era desesperadora sem possibilidade de tráfego, não chegava nem mesmo a ambulância para retirada de doentes. Os ônibus tinham que chegar até certo trecho, depois os moradores seguiam a pé, como relembra um dos precursores deste movimento, Leon Silva: *“Um grupo de trabalhadores veio andando desde o Baliça até o município de Rorainópolis, seguindo até Boa Vista para fazer acampamento em frente ao Palácio do Governo e INCRA”*.<sup>14</sup>

A organização desses trabalhadores rurais vem reforçar uma concepção de homem enquanto potencial criativo, como ser capaz de ser ator de sua própria história. Como exemplo da construção histórica Tarso Genro cita o “leão individual” espécie

---

14 Entrevista com o Sr. Leon Silva, ex-diretor do sindicato de Baliza. Boa Vista (RR), janeiro de 2010.

“Leo”, mas argumenta que o leão individual não sabe disso. Sem ter consciência disso, ele serve a sua espécie e a representa com previsibilidade e silenciosamente. Sua relação com o ambiente natural é instintiva, jamais construída por alternativas, dentre as quais ele escolheria duas ou mais possibilidades. O homem, ao contrário disso, é consciente da sua particularidade. Ele integra um determinado grupo cujas relações internas e externas exigem “escolhas”, das quais derivam sua sociabilidade.<sup>15</sup>

Figura 02:  
Representação das Viciniais



Fonte: Arquivo da FETAG/RR.

Quanto a esta consciência e participação, E. P. Thompson se refere à resistência dos trabalhadores rurais ingleses, mostrando que não foram apenas as “vanguardas operárias” que empreenderam a resistência face às transformações estruturais causadas pela afirmação do capitalismo naquela sociedade, e nega a submissão e passividade do comportamento histórico ao conjunto de leis e teorias universais que

---

15 GENRO, Tarso. *Crise da Democracia: Direito, Democracia Direta e Neoliberalismo na Ordem Global*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 36-37.

abrangem todas as esferas da ação humana e, neste sentido, propõe uma interação dialética entre a experiência e a consciência social<sup>16</sup>.

Dessa forma, o autor evidencia a importância da experiência social para testar e reconstruir a teoria, e neste sentido, mostra que os camponeses pobres nem sempre foram os perdedores em suas lutas, mesmo que as ações mostrem que “a resistência era mais rabugenta do que vibrante”.<sup>17</sup>

Foram as experiências sociais dos trabalhadores rurais que viabilizaram a intensificação das manifestações individuais de resistência destes, e a partilha e identificação destas manifestações individualmente vivenciadas levou à percepção da necessidade de se ter uma entidade representativa, surgindo a discussão da possibilidade de criação de um Sindicato Rural que envolvesse os diversos segmentos sociais, tais como associações, representantes das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica e os posseiros, dentre outros.

Com orientação e apoio da Comissão Pastoral da Terra, Regional Amazonas, coordenada na época pelo Pe. Jesuíta Albano Serno, iniciaram-se primeiras viagens dos trabalhadores rurais com destino à cidade de Manaus, para participarem de encontros de formação de lideranças promovidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), como relembra o Pe. Nilvo Pasa:

Quando comecei a viajar pra essa região foi em 1979, dávamos apoio a todas as comunidades da BR-210 e BR-174 da Região Sul e Sudeste. Entramos em contato com a CPT para ajudar na formação das lideranças rurais, chegavam a ir quinze, vinte trabalhadores e trabalhadoras rurais, tinham que viajar de caminhão porque não havia ônibus aqui, eles dividiam era meia carga de banana e meia carga era de gente. Tinha gente do Caroebe, Baliza, São Luiz, Nova Colina, Rorainópolis, eles escreviam boletins que eram publicados pela CPT denunciando a situação dos agricultores, o isolamento na época das chuvas, a produção de arroz, que eram muita forte, mas não tinha como escoar essa produção. Então terminavam vendendo muito barato, eles relatavam o que acontecia em Roraima. Em 1980 conseguimos realizar em Caracará dois encontros sobre sindicalismo, com um formador da CPT de Santarém, nesses cursos estiveram presentes mais de vinte lideranças.<sup>18</sup>

Nesta época, parte da Igreja Católica estava inserida fortemente nos movimentos sociais e foi de fundamental importância na construção e fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João da Baliza e São Luiz do Anauá. Contavam com o apoio da Paróquia de São João Batista e São Luiz, coordenada pelos Missionários, já citados, Diocesanos de Santa Maria do Rio Grande do Sul: Nilvo Pasa e

---

16 THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria* ou o planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

17 THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 99.

18 Entrevista com o Padre Nilvo Pasa. Boa Vista (RR), julho de 2010.

Vitório Pase, todos ligados à Teologia da Libertação contribuíram para a participação das lideranças rurais de Roraima nos encontros de formação política realizados no estado do Amazonas.

Esses missionários realizavam viagens em toda a BR-174, nas vilas de Nova Colina, Martins Pereira, Novo Paraíso dentre outras, esta integração contribuiu com a identificação e formação das lideranças rurais como: Leonídio, Rosangela, Clair, Juarez, Helena, Borba, Santo, Leon, Edivirges, Secon e outros que trilharam caminhos na direção do sindicato, do movimento de mulheres e na construção do núcleo regional no Partido dos Trabalhadores (PT) e mais tarde da própria Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

A partir deste período o envolvimento político mais de forma institucionalizada no sindicato começou a se organizar o que fortaleceu as ações e lutas que já vinham sendo desenvolvidas.

Outro discurso que se tentou questionar diz respeito à aparente ausência de conflitos e estratégias de organização coletiva dos rurais. Novamente fez-se uso da memória dos próprios migrantes, e constatou-se que a organização destes teve início nas suas experiências cotidiana, nas relações de solidariedade entre migrantes, nas reuniões para dividir os lotes entre si, na discussão da necessidade de educação para seus filhos, nos mutirões para o trabalho no lote, na sobrevivência dentro da floresta, nas estratégias para driblar a falta de gêneros alimentícios, medicamentos e transporte.

Assim conseguimos compreender que as experiências cotidianas ocorreram em torno de reuniões para organizar as manifestações públicas de reivindicações na capital, para realizar encontros das comunidades eclesiais de base nas comunidades católicas, para mobilizar os rurais a participarem dos encontros de formação realizados em Manaus pela CPT-Amazonas.

Ou seja, a resistência ocorreu muitas vezes de forma individual, outras de forma coletiva, mas é fato que desde a chegada destes migrantes ocorreram lutas pelo acesso a terra conquistada, lutas contra a condição de abandono das vicinais e vilas. Estes reconhecessem entre si as semelhanças na condição de vida dentro das vicinais, e percebessem que esta era uma realidade coletiva, vivenciada por todos. Neste sentido, a união e a organização passaram a ser identificadas por todos como uma necessidade.

Desta união foram se constituindo as formas de organizações coletivas como a Associação de Trabalhadoras Rurais das Viciniais, Cooperativas, Grupo de Mulheres e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras daqueles três municípios criados

na Perimetral: São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Caroebe. A organização e a participação nestes segmentos estiveram associada ainda aos encontros de formação promovidos pela CPT, que possibilitaram o reconhecimento de que a luta não deveria ser somente no seu grupo, na sua vicinal, mas em toda a Região Sudeste de Roraima, e esta se espalhou até mesmo para a os municípios próximos da BR-174: Caracará e Mucajá, como foi constatado nos arquivos do sindicato.

Recebido em janeiro, aprovado em março.

### *Referências*

- Livros Ata do Arquivo do STR-Baliza.
- Livro Ata do Arquivo do STR-São Luiz do Anauá
- Arquivo do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)
- Jornal Boa Vista, 28 de abril 1978.
- Jornal Boa Vista, 19 de maio de 1978
- Jornal Boa Vista, 16 de agosto de 1978
- Jornal Boa Vista, 22 de setembro de 1978

### *Referências orais*

- Entrevista com o Sr. João Secon. São Luiz do Anauá, RR, Setembro de 2003.
- Entrevista com a Sra. Helena Milhomem de Souza. São João da Baliza, RR, Maio de 2005.
- Entrevista com o Sr. Eupídio Leite Araújo. São João da Baliza, RR, Junho de 2005.
- Entrevista com o Sr. Jaider Ferreira da Silva. São João da Baliza, RR, Junho de 2005.
- Entrevista com a Sra. Verônica Rosa Lima. São João da Baliza, RR, Junho de 2005.
- Entrevista com o Sr. Argemiro de Souza. São Luiz do Anauá, RR, Janeiro de 2009.
- Entrevista com a Sra. Enésia Aparecida Rodrigues. São Luiz do Anauá, RR, Janeiro de 2009.
- Entrevista com o Sr. João Pereira. São Luiz do Anauá, RR, Janeiro de 2010.
- Entrevista com o Sr. Leon Silva. Boa Vista, RR, Janeiro de 2010.
- Entrevista com o Padre Nilvo Pasa. Boa Vista, RR, Julho de 2010.

## Referências Bibliográficas

AROSTEGUI, Júlio. *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006.

BARROS, Nilson Crócia de. *Roraima – Paisagem e Tempo da Amazônia Setentrional*. Recife: UFPE, 1995.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Cidades da Floresta: uma incursão no Urbano Amazônico. Boletim da Associação Nacional de Pós Graduação em Pesquisa, nº 08, 2007.

FENELON, Déa, MACIEL, Laura, ALMEIDA, Paulo e KOURY, Yara (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004.

GENRO, Tarso. *Crise da Democracia: Direito, Democracia Direta e Neoliberalismo na Ordem Global*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOHN, Maria da Glória. *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 2009.

HÉBETTE, Jean e MARIN, Rosa Acevedo. “Colonização espontânea, política agrária e grupos sociais: reflexões sobre a colonização em torno da Rodovia Belém-Brasília”. In: HÉBETTE, Jean. *Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia*. Vol.1. Belém: EDUFPA, 2004.

HEBETTE, Jean. *Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia*. Vol. I. Belém: UFPA, 2004.

HOBBSBAM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LINHARES, Maria Yedda. *Terra Prometida: uma História da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro. Ed. Campus. 1999.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Direito a Terra no Brasil: A gestação do conflito – 1795-1824*. São Paulo: Alameda, 2009.

SILVA, Maria Aparecia Moraes. *A Luta Pela Terra*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 1: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.